

O Lugh nasceu primeiro. No solstício de inverno, quando o sol está mais em baixo no céu.

A seguir fui eu. Duas horas depois.

Isso diz tudo.

O Lugh vai na frente, sempre na frente, e eu vou atrás dele.

Não me importo.

É assim que está certo.

É assim que deve ser.

Porque não há imprevistos. Já está tudo decidido.

As vidas de toda a gente que já nasceu.

As vidas de todos os que ainda estão à espera de nascer.

Estava tudo escrito nas estrelas mal o mundo começou. A hora do nascimento e a hora da morte de nós todos. E até o tipo de pessoa que vamos ser, se vamos ser bons ou maus.

Quem sabe ler as estrelas consegue ler a história das vidas das pessoas. E a história da sua própria vida. O que já passou, o que está a acontecer agora e o que ainda está para vir.

Quando o nosso pai era miúdo, conheceu um viajante, um homem que sabia muitas coisas. Esse homem disse ao nosso pai como é que se fazia para ler as estrelas. O nosso pai nunca nos conta aquilo que leu no céu da noite mas vê-se que são coisas que lhe custam a saber.

Porque ninguém pode mudar o que está escrito.

Mesmo que o nosso pai dissesse o que ficou a saber, mesmo que nos quisesse avisar, mesmo assim essas coisas haviam de acontecer.

Às vezes reparo na maneira como ele olha para o Lugh. E na maneira como olha para mim.

E então desejo que ele nos diga aquilo que sabe.

Acho que o nosso pai gostava de nunca ter conhecido o tal viajante.

Quem nos visse juntos, a mim e ao Lugh, nunca havia de dizer que temos o mesmo sangue.

Nunca havia de dizer que crescemos juntos na mesma barriga.

O cabelo dele é da cor do ouro. O meu é preto.

Olhos azuis. Olhos castanhos.

Forte. Escanzelada.

Bonito. Feia.

Ele é a minha luz.

Eu sou a sombra dele.

O Lugh brilha como o sol.

Por causa disso, deve ter sido fácil para aqueles homens encontrarem-no.

Só tiveram que seguir a luz dele.

SILVERLAKE

Está um dia quente. Tão quente e tão seco que a boca só me sabe a pó. Faz um daqueles calores pesados em que até se consegue ouvir a terra a estalar.

Há já seis meses que não cai por aqui nem um pingo de chuva. Até a nascente que enche o lago já começou a secar. Agora temos que andar um bom bocado só para enchermos um balde. Daqui a pouco, esta terra já nem vai merecer ser chamada pelo nome.

Silverlake¹.

Todos os dias o nosso pai faz mais um dos seus feitiços ou encantamentos. E todos os dias o horizonte fica cheio de nuvens de tempestade muito gordas. Quando elas começam a vir devagar na nossa direção, ficamos com o coração acelerado e cheios de esperança. Mas, muito antes de chegarem aqui adonde nós estamos, desfazem-se todas, mirram e desaparecem. Foi assim de todas as vezes.

O nosso pai nunca diz nada. Fica só a olhar para o céu, que continua cruelmente limpo. Depois, junta as pedras, os ramos ou o que quer que tenha espalhado pelo chão desta vez e guarda-os até ao dia seguinte.

Hoje, inclina o chapéu para trás da cabeça, olha para cima e fica a olhar para o céu durante muito tempo.

Acho que vou experimentar fazer um círculo, diz depois. Sim, acho que talvez um círculo seja a solução.

Há já algum tempo que o Lugh me vem avisando. O nosso pai está a piorar. A cada dia de seca que passa, parece que mais um bocadinho do nosso pai... desaparece — acho que essa é a melhor palavra que posso usar.

¹ Lago de Prata. (NT)

Dantes, sempre podíamos contar com um peixe apanhado no lago ou com um animal qualquer caçado numa das armadilhas. Quanto ao resto, plantávamos umas coisas, outras procurávamos, e lá nos íamos arranjando assim. Mas, neste último ano, por mais que fizemos, por maior que seja o esforço, nunca chega. Sem chuva, não vale de nada. Temos estado a ver a terra a morrer aos poucos.

E o mesmo tem acontecido com o nosso pai. Dia a dia, o melhor que o nosso pai tem nele parece secar também. Atenção que já há muito tempo que ele não está bem. Desde que a nossa mãe morreu. Mas o que o Lugh diz é verdade. Assim como a terra está a morrer, também o nosso pai está a piorar e passa cada vez mais tempo com os olhos no céu, em vez de os pôr naquilo que tem à frente.

Acho que ele já nem deve conseguir ver-nos a nós. Não como deve ser.

Por estes dias, a Emmi faz o que lhe apetece e anda sempre com o cabelo todo sujo e com o nariz cheio de ranho. Se não fosse o Lugh, acho que ela nunca tomava banho.

Antes de a Emmi nascer, quando a nossa mãe ainda estava viva e éramos todos felizes, o nosso pai era diferente. A nossa mãe conseguia sempre fazê-lo rir. Ele corria atrás de mim e do Lugh ou então punha-se a amandar-nos ao ar até nós gritarmos para ele parar. E ele avisava-nos muitas vezes da ruindade do mundo para lá de Silverlake. Nesse tempo, acho que não havia ninguém mais alto, mais forte ou mais esperto do que o nosso pai.

Olho para ele pelo rabo do olho enquanto eu e o Lugh vamos reparando o telhado do nosso casebre. As paredes são fortes que chegue; fizemo-las com pneus que empilhámos uns por cima dos outros. Mas os malvados ventos quentes que varrem o lago conseguem enfiar-se pela fenda mais pequena e depois alevantam partes inteiras do telhado de uma vez. Estamos sempre a ter que reparar este diabo de coisa.

Por isso, depois do vento quente de ontem à noite, eu e o Lugh descemos ao aterro à primeira luz do dia para procurarmos algum material que pudéssemos usar. Pusemo-nos a revirar uma parte adonde nunca tínhamos ido procurar nada e não é que conseguimos arranjar umas quinquilharias de jeito deixadas pelos Destruidores? Uma folha de metal grande e que não está muito enferrujada e uma panela ainda com a asa.

O Lugh vai reparando o telhado e eu faço o que costumo fazer sempre: subo e desço a escada para lhe dar as coisas de que ele precisa.

E o Nero também faz o que costuma fazer sempre: está empoleirado no meu ombro a grasnar muito alto, mesmo no meu ouvido, para me dizer aquilo em que está a pensar. O Nero tem sempre opiniões

sobre tudo e é muito esperto. E eu penso: se conseguíssemos perceber a fala dos corvos, de certeza que íamos ver que ele nos esteve a dar uma ou duas dicas sobre a melhor maneira de se arranjar um telhado.

Podem apostar que ele já pensou no assunto. Há já cinco anos que nos vê a reparar o telhado. Desde que eu o encontrei caído do ninho, sem que a mãe estivesse ali por perto. O nosso pai não ficou muito contente quando me viu trazer um corvo bebé para casa. Disse-me que há quem diga que os corvos trazem a morte, mas eu já estava resolvida a cuidar dele e quando eu resolvo uma coisa já não mudo de ideias.

A Emmi também está aqui ao pé de nós e também ela está a fazer o que costuma fazer sempre, ou seja, anda a chatear-nos a mim e ao Lugh. Não sai de roda de mim enquanto eu vou andando da escada de mão para a pilha de quinquilharia.

Quero ajudar, diz ela.

Então segura na escada, respondo eu.

Não! Eu quero ajudar mesmo! Nunca me deixas fazer mais nada, só segurar na escada!

Bem, respondo eu, se calhar é porque tu não sabes fazer mais nada. Já tinhas pensado nisso?

Ela cruza os braços sobre o peito magricela e faz uma carranca. És má, diz-me.

Já me tinhas dito, respondo-lhe.

Começo a subir a escada com uma peça de metal ferrugento na mão e devo ir no terceiro degrau quando ela agarra na escada e se põe a abaná-la. Agarro-me para ver se não caio. O Nero crocica e alevanta voo, largando penas a toda a volta. Lanço um olhar furioso à Em.

Para com isso!, grito. Queres o quê, partir-me o pescoço?

O Lugh espreita da beira do telhado.

Pronto, Em, já chega, diz. Vai ajudar o pai.

Ela larga a escada de mão nesse mesmo instante. A Emmi faz sempre o que o Lugh manda.

Mas eu quero ajudar-vos, diz-lhe, amuada.

Não precisamos da tua ajuda, respondo-lhe. Arranjamo-nos muito bem sem ti.

És a irmã mais ruim que alguém já teve! Odeio-te, Saba!

Ótimo! Porque eu também te odeio!

Parem com isso!, diz o Lugh. Vocês as duas!

A Emmi deita-me a língua de fora e vai-se embora com passos furiosos. Subo a escada até ao telhado, gatinho até adonde ele está e passo-lhe a folha de metal.

Juro que um dia destes a mato, digo.

Saba, ela só tem nove anos, responde o Lugh. Talvez devesse tentar ser boa para ela, para variar.

Eu resmungo de irritação e sento-me ali ao pé dele. Dali de cima, do telhado, consigo ver tudo. A Emmi está a andar numa bicicleta desengonçada que o Lugh encontrou no aterro e o nosso pai está entretido com o seu círculo mágico.

O círculo não passa de um pedaço de terra que ele nivelou pisando-o com as botas. Estamos proibidos de nos chegarmos lá perto sem ser ele a dizer que podemos fazer isso. Anda sempre de volta daquilo, a apanhar galhos ou a varrer a areia que o vento traz. Ainda não colocou lá no meio nenhum dos paus que costuma usar para fazer o seu círculo da chuva. Vejo-o a pousar a vassoura. Dá três passos para a direita e depois dá três passos para a esquerda. Repete os mesmos passos uma vez. E outra.

Já viste o que o pai está a fazer?, pergunto ao Lugh.

Ele não alevanta a cabeça. Põe-se simplesmente a martelar a folha de metal para a alisar.

Sim, já vi, responde depois. Ele fez o mesmo ontem. E antes de ontem.

Para que é aquilo?, pergunto eu. Porque é que ele vai para a esquerda e depois para a direita, uma vez e outra?

Como é que queres que eu saiba?, replica o Lugh. Os seus lábios formam uma linha endurecida. Está outra vez com aquela expressão, com aquele olhar vago com que agora fica de cada vez que o nosso pai diz alguma coisa ou lhe pede que faça alguma coisa. Ultimamente, vejo-o cada vez mais com esta cara.

Lugh! O nosso pai alevanta a cabeça, protegendo os olhos do sol com uma mão. Dava-me jeito a tua ajuda, filho!

Velho idiota, resmungo o Lugh, dando uma martelada mais forte na folha de metal.

Não digas isso, peço-lhe. O pai sabe o que está a fazer. Ele consegue ler as estrelas.

O Lugh olha para mim e sacode a cabeça, como se não acreditasse que eu acabei de dizer o que disse.

Ainda não percebeste? Isso está tudo na cabeça dele. É tudo invenção. Não há nada escrito nas estrelas. Não há nenhum desígnio superior. O mundo segue em frente. As nossas vidas vão continuando neste lugarejo do diabo. E isso é tudo. Até ao dia da nossa morte. Sabes que mais, Saba? Já aguentei até adonde podia.

Fico a olhar para ele.

Lugh!, grita o nosso pai.

Estou ocupado!, grita-lhe o Lugh de volta.

Vem aqui, filho, que eu estou a mandar!

O Lugh resmungava um palavrão. Amanda o martelo lá para baixo, passa por mim à bruta e quase desce a escada de mão a correr. Aproxima-se rapidamente do nosso pai. Arranca-lhe os paus da mão e amanda-os para o chão. Os paus espalham-se ali em volta.

Pronto!, berra o Lugh. Já está! Espero que isto ajude! Essa porcaria toda há de fazer com que o raio da chuva chegue! Põe-se aos pontapés no círculo mágico que o nosso pai acabou de varrer e alevanta uma nuvem de poeira. Depois crava um dedo no peito do nosso pai. Acorda, velho! Estás a viver num sonho! A chuva nunca há de vir! Este lugarejo do diabo está a morrer e nós vamos morrer com ele se ficarmos aqui. Pois bem, sabes que mais? Eu não vou continuar por cá! Vou-me embora!

Eu sabia que isto ia acontecer, diz o nosso pai. As estrelas disseram-me que tu te sentias infeliz, filho. Dizendo isto, pousa uma mão no braço do Lugh. O Lugh sacode-o com tanta agressividade que o nosso pai recua a cambalear.

Tu és doido, sabias?, grita-lhe o Lugh na cara. As estrelas disseram-te! Porque é que não experimentas, por uma vez, ouvir aquilo que te digo eu?

E sai dali a correr. Eu desço as escadas à pressa. O nosso pai está de olhos no chão e com os ombros descaídos.

Não entendo, diz ele. Vejo a chuva a chegar... Leio isso nas estrelas mas... a chuva depois não vem. Porque é que não vem?

Não faz mal, pai, diz a Emmi. Eu ajudo-te. Eu ponho os paus adonde tu quiseres. E põe-se a andar por ali de joelhos, a apanhar todos os paus. Olha para ele e sorri, toda ansiosa.

O Lugh não estava a falar a sério, pai, diz ela. Eu sei que não.

Passo por eles os dois.

Sei para adonde o Lugh foi.